

TRADICIONALISMO GAÚCHO EM UM RECORTE DE DANÇA, GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE

CATIANE PINHEIRO MORALES¹; RAFAEL DA SILVA NOLETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – catianemoraes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafael.noleto@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O estado do Rio Grande do Sul tem por institucionalizado a cultura gaúcha como principal, autores como Taú Golin (1998) versa sobre a construção identitária do gaúcho e aponta algumas lacunas. O tradicionalismo gaúcho organizado iniciou a partir de um grupo restrito de homens os quais fundaram o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Todavia esta não é a cultura única sul-rio-grandense. A autora Eloisa Ramos (2008) atenta ao fato dessa construção identitária ser ancorada na figura masculina heróica, de homens da guerra. Neste ponto é possível incluir mesmo que minimamente os homens negros. Contudo há uma tentativa de apagamento histórico sobre a traição sofrida pelos Lançeiros Negros¹ ao fim da Guerra Farroupilha, como nos escreve Cristian Salaini (2006). No presente trabalho, olhamos a cultura gaúcha a partir da dança, especificamente o Encontro de Artes e Tradições. Evento de grande comoção no meio tradicionalista, repercutindo em grande escala no estado, levando 40 grupos na categoria principal à final que acontece em novembro na cidade de Santa Cruz, sem contar as outras categorias artísticas e as classificatórias que antecedem o evento.

Frente a estes dados, tona-se viável pensar o lugar das minorias no até então dado tradicionalismo gaúcho, como se deu os modos de subjetivação principalmente de mulheres (todas elas). Pouco se sabe da história das mulheres sul-rio-grandenses ou mesmo quem são ou quem foram. Nesse sentido que proponho estudar de dentro do movimento tradicionalista quem são estas mulheres, e o que as constituem nesse cenário. É pretensão denotar novas possibilidades de abordagens epistêmica e conceitual das mulheres gaúchas, suas facetas, importância e papel social. Com olhar atento as questões de gênero, raça e sexualidade, discutindo a partir de teóricas e teóricos decoloniais. Não descartando teorias outras que possam dialogar com as reflexões propostas. Viabilizando o pensamento decolonial, de modo a resistir e desconstruir os pressupostos engendrados pela colonialidade.

O trabalho tratará de questões atreladas ao ENART, analisando primeiramente o regulamento, funcionamento e aspectos de dança. A inserção de campo se deu em um grupo de danças do CTG Coronel Thomaz Luiz Osório da cidade de Pelotas, onde eu dancei por dois anos e pude fazer muitas observações e apontamentos ao diário de campo. Desse modo na sequência busco construir uma identidade grupal, evidenciando aspectos que contam questões de gênero, raça e sexualidade. Segue-se o último ponto trabalhado até o momento, onde refiro o prisma das mulheres, as possibilidades ou não de usufruir determinados lugares sociais no meio tradicionalista e de dança. Utilizando teorias decoloniais, sobretudo Anibal Quijano e Maria Lugones.

¹ Como eram conhecidos o grupo de soldados negros que lutaram na guerra sob a falsa promessa de liberdade, contudo foram traídos e assassinados em emboscada, estando eles desarmados. (SALAINI, 2006).

Versando com teorias antropológicas da dança especialmente com Giselle Guilhon Camargo.

2. METODOLOGIA

O método de pesquisa inclui diversas abordagens conceituais, que aqui servirão de ferramentas metodológicas. Dentre elas está a etnografia, Mariza Periano (2016) expõem que a etnografia não é um método, e não está em oposição à teoria, para a autora o fazer etnográfico é transgredir o senso comum, indo de encontro ao propósito antropológico. Ao escolher a etnografia me proponho a dialogar com o grupo a ser pesquisado e a partir dessa vivência descrever analiticamente embasada na etnografia. Análise crítica de um meio extremamente engessado, que não tem o menor interesse em se desmistificar, por motivos muito óbvios de privilégios de homens brancos e em sua maioria elitistas. Desafiando pressupostos e conceitos estabelecidos a décadas, construídos sob achados históricos convenientes, pouco abrangentes e frágeis. Não será tarefa fácil, contudo compõe tarefa antropológica de “desafiar os conceitos estabelecidos” (PERIANO, 1995, p. 17).

Pretendo desenvolver este processo à luz da decolonialidade, que se propõem pensar, problematizar legados do colonialismo. Marcado pela colonização dos povos das américas e escravização de africanos, dentre muitas ainda refletidas na atualidade (COSTA, 2016), sob teor principalmente feministas negras ao falar de mulheres e de resistência. A pesquisa será pautada nos princípios éticos regulamentados pela ABA (2012), considerando os meus direitos como pesquisadora e o dever de assegurar os direitos do grupo a ser estudado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ENART tem um regulamento próprio, divulgado anualmente no site do MTG², baseia-se nas regras gerais, fluxo e organização do evento. As regras talvez seja o ponto mais relevante aqui, pois ira ditar sobre *indumentária*, temáticas de *entrada* e *saída*, musicas, comportamento, critérios para participação entre outros. Evidencia-se a proposição do tradicionalismo gaúcho como cultura popular do Rio Grande do Sul. Além do regulamento há o Manual de Danças, onde esta descrito as danças tradicionais, muito bem definidas. Contudo o que salta aos olhos é a descrição dos ciclos de danças, que fundamentam todas as danças tradicionais, sendo eles originados da Europa. Refere-se que tais danças chegaram aqui provavelmente entre os século XVIII e XIX e “aqui se agaúcharam” (MTG, 2016, p. 31). Contudo o tradicionalismo baseia-se em uma figura identitária que surge a partir da colonialidade, o discurso dessa história dos gaúchos tem início posterior ao surgimento das colônias. Em outras palavras dizer que as influencias europeias se agaucharam é dizer que as novas influencias adquiriram aspectos do que havia se tornado dos povos colonizados e colonizadores. O Manual ainda aponta a ideia colonial de fazer perpetuar a cultura de classes superiores, de modo a faze-las populares. Não por acaso tal lógica é servida da colonialidade baseada em Anibal Quijano (2009, p. 73), a cultura do tradicionalismo gaúcho atende ao projeto colonial minuciosamente.

A crítica feita até aqui revela não só a quem o tradicionalismo gaúcho atende, mas as invisibilidades que produz, e ao fazer perde possibilidades de construir um projeto cultural legitimo e mais abrangente do que constitui a cultura

² Movimento Tradicionalista Gaúcho.



gaúcha além do institucionalizado. Visto isso penso especificamente o grupo onde foi feita a pesquisa, em uma imersão de dois anos como dançarina, do grupo de danças adulto do CTG Coronel Thomaz Luiz Osório da cidade de Pelotas. Considero que o grupo constitui características de uma identidade singular e muito própria, que se diferencia dos demais do estado. Além da influência significativa do nome da entidade, que também tem muito do que constitui uma identidade gaúcha, de homem, herói, guerreiro (heteronormativo e branco). O grupo tem forte influência de José Severo homem negro, o qual é um dos instrutores do grupo e foi dançarino do mesmo durante quase toda sua vida. Em entrevista a mim concedida (MORALES, 2018) Severo afirma que a iniciativa de o grupo falar de temáticas raciais não veio dele, mas que com tempo notou relevância de falarem de algo que conta sobre quem são e de onde vem. Visto que o CTG apesar de estar localizado em uma avenida, é da periferia da cidade.

A representatividade é uma questão raramente discutida no meio tradicionalista, tendo em geral poucas pessoas negras a compor os grupos. O que não impede a produção de temáticas de espetacularização onde aparecem influências importantes de origem africana, mas o negro aparece como o escravizado. Não há preocupação com a apropriação e representatividade. Neste ponto expando para pensarmos a ausência das mulheres em lugares de produção de conhecimento e arte, nesse contexto. Poucas são as que chegam a ser instrutoras de grupos em proporção aos homens, e quando chegam sempre é em dupla com um homem, majoritariamente restritas a serem responsáveis pelas *prendas*³. Nas danças gaúchas, as mulheres devem sempre ser conduzidas, serem delicadas e não mostrar-se em demasia. Não tendo ela autoridade para manifestar seu conhecimento. Esse estereótipo concebido, dificulta a afirmação de mulheres em lugares de prestígio e autoridade. Essa concepção de prenda/mulher vem da colonialidade do gênero, conforme podemos ver em Maria Lugones (LUGONES, 2019). Evidenciado no campo, quando em 2019 chegam instruções massivas as *prendas* de abolir movimentos de ombros e quadril (considerados sensuais demais), assim como de serem mais delicadas. Acontece que o grupo nos últimos anos teve todo um trabalho corporal a partir das temáticas. Logo as exigências causam grande desconforto, que pode ser explicado pelas opressões através do silenciamento (KILOMBA, 2019) dos corpos e da aproximação com algo que, poderia se considerar genuíno e plural, mas insiste em enrijecer-se.

4. CONCLUSÕES

Em vista dos aspectos apresentados, a colonialidade é parte latente do que constitui a institucionalidade e regulamentação do tradicionalismo organizado como um todo. O qual produz e reproduz hierarquias de opressão, e ao oprimir acaba por inviabilizar produções culturais que enriqueceriam a dita cultura gaúcha. Construindo possibilidades muito mais autênticas e genuínas do que as já instituídas, impossibilitadas pelo ingessamento e invisibilidades. No entanto é possível ver grupos e pessoas dispostas a reavaliar tais posturas, resistir às violências de opressão e aos silenciamentos de dentro do movimento.

³ Como se denomina as mulheres no tradicionalismo

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (org). Antropologia da Dança I. Florianópolis: Insular, 2013.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón, **Decolonialidade e perspectiva negra**, Revista Sociedade e Estado – Vol. 31 n.º 1, Janeiro/Abril 2016.

MORALES, Catiane Pinheiro; Subalternidades interseccionadas no meio tradicionalista gaúcho: subjetividade e resistência através da dança; Trabalho de Conclusão de Curso; Psicologia- UFPel; 2018.

MTG - FUNDAÇÃO CULTURAL GAUCHA, **Danças tradicionais gaúchas**: MTG 50 anos, Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2016.

GOLIN, Tau, **A ideologia do gauchismo, Porto Alegre**, tchê: 1983.

KILOMBA, Grada; Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano; tradução Jess Oliveira- 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial, In LORDE, Audre... [et, al]. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Organização Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, 440 p.

PERIANO, Mariza, **A favor da etnografia**, Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

PERIANO, Mariza, **Etnografia e rituais: relato de um percurso** », Anuário Antropológico [Online], I | 2016, posto online no dia 07 junho 2018, consultado no dia 29 de janeiro de 2019. URL: <https://journals.openedition.org/aa/2011>

QUIJANO, Anibal; Colonialidade do poder e classificação social, in: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.) **Epistemologias do Sul**; Coimbra: Almedina, 2009, p. 73-117.

RAMOS, Eloísa H.C.L. **As mulheres no cotidiano do Rio Grande do Sul Farroupilha**. (2008,).

SALAINI, Cristian Jobi, **Nossos Heróis não Morreram**: um estudo antropológico sobre formas de “ser negro” e “ser gaúcho” no estado do Rio Grande do Sul. UFRG Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2006.

REGULAMENTO ENART – Encontro de Arte e Tradição; Atualizado em 27 de julho de 2019 na 87ª Convenção Tradicionalista – Jaguarão/RS; 2019. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/REGULAMENTO-ENART-2019.pdf> > acesso em 10 de agosto de 2020.